

Director literario:

Agostinho da Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís de Lencastre
PAPUSSE

O BURRO GULOSO



1 O «Ti Zé Cavalariça» prende a uma estaca o jumento; enquanto vai, num momento, regar a sua hortaliça.



2 O burro, de olhos que luzem como o gume duma faca, vê, a dois metros da estaca, umas ervas que o seduzem.



3 Com sofreguidão, ao vê-las, logo, num grande alvoroço, estendendo o seu pescoço, diligencia comê-las.



4 Mas, ai, tanto o estendeu... — (safa!) que ao voltar o «Ti'Zezinho», em lugar do jumentinho, encontrou uma girafa!

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



CÔRO DOS ANJOS AO RITMO DOS BÊRÇOS

FOR

SANT'IAGO PREZADO

“Ó MEU menino,
—Ruh... Ruh...—
cantam os Anjos;
dormirás tu!»

Cantam os Anjos...
—Que lindo canto!—
Luar tão claro,
que brilha tanto!...
Os Anjos cantam...
—Que maravilha!—
Florece a terra,
e a lua brilha!...

Decem e cantam
junto de ti
lindas cantigas
que eu aprendi...
Cantam em roda...
—Que lindo côro!—
Nos seus cabelos
há estrélas d'ouro...»

Também nas asas
brilham estrélas...
Aves não têm
asas daquelas...
A brisa as leva,
e as arrebatam...
Não são de penas,
mas sim de prata!...

De asas abertas,
sempre cantando,
vôam subindo,
decem voando,
ficam pairando,
suspensas no ar...
E a sombra delas
parece luar!

Ó meu menino,
dorme... Ruh... Ruh...
Os Anjos cantam...
Que sonhas tu?

Abre teus lábios
brando sorriso...
Que vês sonhando?
Que Paraíso?
Que sonho d'oiro
tua alma inflora?
Que Hino de Hossana?
Que luz? Que aurora?

Do céu os Anjos
abrem-te o véu...
Talvez dormindo
vejas o céu!;
Dormes sorrindo...
Que sonhas tu?
Ai, meu menino,
dorme... Ruh... Ruh...

■ ■ F I M ■ ■

do livro: — «Entre a Folhagem»

CORAÇÃO DE MÁRMORE

Conto

· POR

DYNETTE

Desenhos

POR

TIO TONIO



I



UMA filha, hoje desaparecida, perdida no meio do mar, havia um bondoso rei, que, com justiça e amor, governava o seu reino, poderoso e imenso.

Nêle se acumulavam teozouros incalculáveis, apesar do que distribuíam com os pobres e obras de caridade, mas cada vez era mais rico e visitado por todos os reis e príncipes do mundo, que desejavam conhecer tão ábio e justo rei, principalmente atraídos pela fama de belêsa

que justamente gozava sua filha Ione.

Entre jardins, e rodeado dum bosque de frondosas árvores seculares, se ergu a, magestoso, o palácio de mármore côr de rosa.

Grandes colunas de prata susinhavam um terraço de jaspe, donde se avistava o mar e, lá ao longe, as montanhas cheias de neve.

Às vezes, em noites de luar, ouvindo o canto das suas damas, que um loiro pagem acompanhava num alaúde, um instrumento da uela época, que Ione gostava de passar algumas horas a ver as ondas quebrarem-se na praia praticada pela luz da lua e ouvir histórias de cavalaria.

A príncêsa era realmente linda. O cabelo côr de ouro, caía-lhe em anéis sobre os ombros, e era tão branca tão rosada, que as suas faces se assemelhavam a setinosas pétalas de camélia.

Não havia peito de homem em que o coração não pulsasse apaixonado por ela, e não tinham conta os príncipes, reis e cavaleiros que a tinham pedido em casamento.

Todos vinham felizes, alegres e cheios de esperança mas partiam desolados, passado pouco tempo e cada vez mais enamorados da sua belêsa.

Porque não escolheria um entre tantos que vinham para a desposar? Porque não aceitava nenhum?

É que, se era na verdade dotada de tantos encantos, tinha que cumprir um fado que uma fada má, invejosa dela, lhe lançara.

O seu coração, vermelho e frio, era de mármore, e nem os raios ardentes, do mais ardente sol seriam capazes de o fazer aquecer, pulsar, dentro do seu peito.

Era mesmo essa a razão porque olhava com tanto desinteresse o pobres apaixonados que não obtinham mais que um frio sorriso de cortezia.

No entanto, o entusiasmo não abandonava e as festas sucediam-se umas às outras, no esplêndido palácio que refulgia de luzes e metais preciosos.

Os bailes seguiam-se e as caçadas aos javalis selvagens das florestas; os passeios pelo rio, em lindos barcos dourados; enfim, mil divertimentos, a que a príncêsa assistia calma e indifferente a tudo o que a rodeava.

Or, uma noite, uma noite linda de luar em que Ione fôra como de costume ouvir as suas canções pródicetas no terraço real, viu vir muito ao longe, sobre as ondas, a vela branca duma embarcação.

Curiosamente seguia-a com o olhar, em silêncio, e, passados momentos, já podia distinguir bem uma maravilhosa caravela toda branca, iluminada por lanternas de todas as côres.

Esperou ansiosa que se aproximasse mais e viu com espanto que as velas eram de sêda, as cordagens de prata e os marinheiros que a faziam navegar se vestiam príncipesamente com visto as côres.

Quanto mais se aproximava a estranha embarcação, mais se interessava a príncêsa Ione, que logo notara entre os seus companheiros, um cavaleiro que, garbosa mente, se encostava a uma grande espada e fitava os seus olhos negros no terraço onde ela estava.

Vestia-o uma esplêndida armadura de prata polida e cobria-lhe os ombros possantes uma capa branca de neve. Sobre o cabelo negro pousava-se um elmo d'onde esvoaçavam penas de pavão.

Ele titava-a há muito tempo, enquanto os primeiros barcos vieram trazer a terra os tricolantes, e então também desceu e desapareceu no meio da multidão que viera, curiosa, vêr chegar tão rica caravela.

Ione, ficou apreensiva. Embora o coração se lhe conservasse gelado e silencioso, não pôde afastar do pensamento, durante toda essa noite, e alguns dias depois, a recordação do misterioso cavaleiro.

Uma noite em que Ione se demorara um pouco na janela do seu quarto, viu chegar um cavaleiro, montado num fofoso cavalo branco e parar junto ao palácio, debaixo da janela. Ele apiou-se, pôs um joelho em terra e, tirando uma guitarra, começou a contar-lhe a sua história.

A história era linda e comovente, mas a príncêsa, que o seu encantamento tornava cruel, ao ouvir a sua voz ma-





guada, muito triste, desatou às gargalhadas, às gargalhadas e, sem piedade, fechou a janela e foi-se deitar.

Durante muitos dias, à mesma hora, essa serenata se repetia, cada vez mais triste, mas longe nem sequer aparecia e as janelas conservavam-se fechadas enquanto ele cantava as suas penas.

Ora este misterioso cavaleiro era nem mais nem menos do que o rei da Índia, que se apaixonara por um retrato da princesa, que lhe levara um seu vizir, e ele viera para a conquistar e levar para sua pátria.

Quando regressava todas as noites ao palácio, onde estava hospedado, dizia de si para consigo:

— «Para que me serve ser tão poderoso, tão rico! Para que me serve viver, se nunca alcançarei o meu amor»

Numa noite em que ela lhe respondera outra vez com as mesmas gargalhadas, ele resolveu ir ter com sua mãe, que, como todas as princesas daquela terra misteriosa, era uma famosa feiticeira.

Mal invocou o seu nome se achou transportado pelo ar, por um exército de génios, que o depuseram do outro lado do mar, num segundo. Ao ver a mãe, ele caiu-lhe aos pés e contou-lhe a história.

Será escusado dizer que mal ele acabou de falar, a mãe, que era muito boa e lhe queria muito, lhe disse:

— «Porque não me contaste isso há mais tempo, Zachir? Porque só agora vieste, meu filho?»

E como ele quizesse desculpar-se, continuou:

— «Porque não te lembraste logo de mim? Vamos a ver se te posso ajudar, mas olha que eu não sei se conseguirás acordar no peito da formosa Ione, o mamóteo coraçãõ. Foi Edgarda, a má fada dos Bosques, que a encantou, invejosa pelo feliz Destino que lhe devia caber e ela leu no livro da Vida. É muito difícil libertá-la do seu mal e quem o quiser conseguir necessita de muita coragem e audácia».

Mal a mãe se calou, gritou logo o rei:

— «Oh! por piedade, dize-me o que hei de fazer e eu a salvarei!»

— «Pois bem, tornou a feiticeira, para conseguires o que pretendes, tens que partir, imediatamente, para o deserto onde procurarás a fonte Encantada, junto da qual descansarás! E, dizendo isto, não quiz dar ao filho mais explicações, embora ele a encusasse de perguntas».

Nessa mesma noite partia Zachir em direcção ao deserto.

II

Passaram-se três meses e Zachir não encontrara ainda a Fonte Encantada!

Percorrera em todas as direcções as areias ardentes e, só de longe em longe, encontrara uma caravana à qual se juntava, ou um poço, junto ao qual descansava e dormia. O camélo em que montava, andava denodada e pacientemente, mas Zachir, para todos os lados que se voltasse só

via montes e planícies de areia e envolvia-o uma imensa tristesa.

Tinha, no entanto, a esperança de vir encontrar a famosa fonte, e raro era a noite em que não sonhava que a via a dois passos de si.

Um dia, em que caminhara sem descansar, chegou a um oásis, um sítio inesperado e alegre no meio daquela solidão, onde cresciam árvores carregadas de saborosos frutos, palmeiras e cequeiros. Então, descendo do camélo, o rei, aprontou-se para passar ali a noite.

Deitou-se junto a uma árvore e passados momentos poucos momentos, adormeceu.

Em sonhos, viu um velho de longas barbas brancas que, apontando para o lado, dizia:

— «Ali está o que procuras?». Depois disto, tudo se desvaneceu.

Zachir, acordou! Mas qual não foi o seu espanto, quando reconheceu a seu lado o mesmo simpático velhinho que lhe aparecera, enquanto dormia, e agora lhe sorria com bondade!

Olhando para a sua direita viu... oh! alegria!... a Fonte Encantada?

Duma rocha, caia, gôta o gôta, uma água límpida e brilhante como prata líquida, e por onde essa água passasse crescia relva e floriavam flores estranhas e de extraordinária belêsa:

— «Quem és tu?» gritou o rei maravilhado.

— «Sou o Bom Génio do Deserto! respondeu o desconhecido».

— «E que fazes aqui nesta solidão? Para que me apparestes em sonhos e agora?»

Então o Génio explicou:

— «Eu fui mandado para aqui, pelo meu rei, para ensinar o bom caminho aos viandantes. Quando se perdem, caminho à sua frente, transformado em estrela, cujo brilho os guia até encontrarem o seu destino. Quando os vejo cansados, lanço-lhes no caminho uma mão cheia de árvores de frutos, e, sobre os meus pés, nasce a relva onde se deitam, sob o meu olhar, e a água com que lhes mato a sede. Eu já sabia ao certo que vinhas, e como é nobre o teu intento e limpa a tua alma, pedi ao Rei dos Génios que em meu poder estivesse o pôr no teu caminho um oásis, para repou-sares, e objecto da tua viagem».

O rei, mal isto ouviu, caiu-lhe aos pés, e beijou reconhecidamente a fimbria da túnica do bom velhinho, agradecendo-lhe a sua benevolência, e perguntou:

— Então, decerto sabes o que tenho que fazer para salvar a princesa Ione. Queres ensinar-me?!

O velho pareceu reflectir, mas, por fim, disse, olhando o rei com doçura:

— «Nada posso fazer para te ajudar... mas, porque não o pedes tu mesmo ao Pai dos Génios?!»

O príncipe estremeceu de tristesa e exclamou desolado:

— «E onde poderei eu encontrá-lo? Dize-me e eu irei procurá-lo?»

Então, o Génio tirou do dedo um anel de esmeraldas e entregou-lho. Depois bateu três vezes com o pé no chão e um outro génio apareceu ao seu lado.

Este disse ao rei:

— «Pega neste anel e leva-o ao meu Rei, mas já te aviso, para o entregares, tens muito que sofrer».

— «E onde irei procurá-lo?»

— «No fundo do mar!» respondeu-lhe o velhinho.

Nesse mesmo instante foi arrebatado pelo espaço vertiginosamente. Para não desmaiar fechou os olhos e só os abriu quando se sentiu posar em terra.

O seu condutor desaparecera, estava outra vez numa praia, e à frente do mar.

Sem uma hesitação, atirou-se à água e qual não foi a sua admiração ao vêr que caminhava e respirava tão à vontade como se se achasse em terra, e a água fosse o ar que lhe enchia os pulmões.

III

Passou muitos dias no fundo do mar, sem que qualquer cousa lhe mostrasse ter chegado ao seu destino. Mas Zachir não desanimou, pelo contrário, a esperança guiava-o e era com admiração que observava à sua volta a vida daquele misterioso povo, desconhecido do resto dos mortais, e que ele apercebia por poder do mágico anel que o Génio lhe emprestara.

La andando, andando por uma estrada feita de seixos, reluzente como diamantes, quando começou a aparecer um lindo jardim, a que as flôres marinhas davam um aspecto fantástico.

Sobre elas poisavam estranhas animaizinhos engraçados que pareciam voar como as borboletas dum para o outro lado, e, de quando em quando, passava um enorme peixe montado por estranhas criaturas, lindas como fadas, mas metade peixe, metade mulheres.

Zachir, ouvia contar muitas histórias de sereias, mas nunca acreditara nelas, e menos que essas raparigas de formosura deslumbrante fossem as más feiticeiras que atraíam com as suas vozes de cristal os tripulantes das embarcações para os levar para o fundo do mar e roubar as suas riquezas.

O Rei caminhava apressado e ao voltar uma rua, viu-se em frente dum grande palácio.

As paredes eram feitas de jade, as portas de madrepérola e o salão onde entrou de fulgurantes metais que feriam com o seu brilho a vista a quem não estava acostumado a fitá-los.

Absorto a contemplar tamanhas maravilhas, não viu que uma porta se abria e um monstro enorme, parecido com um polvo, se aproximava d'ele e procurava envolvê-lo com os seus viscosos tentáculos feitos de lâminas cortantes. Zachir, ao voltar-se, só teve tempo de tirar a espada da bainha e, sem um estremezimento de medo, decepou-lhe a cabeça de um só golpe.

Sem uma hesitação entrou noutra sala.

Aí, estava uma linda menina mais branca do que a neve, e cujos cabelos eram verdes, cor de limos.

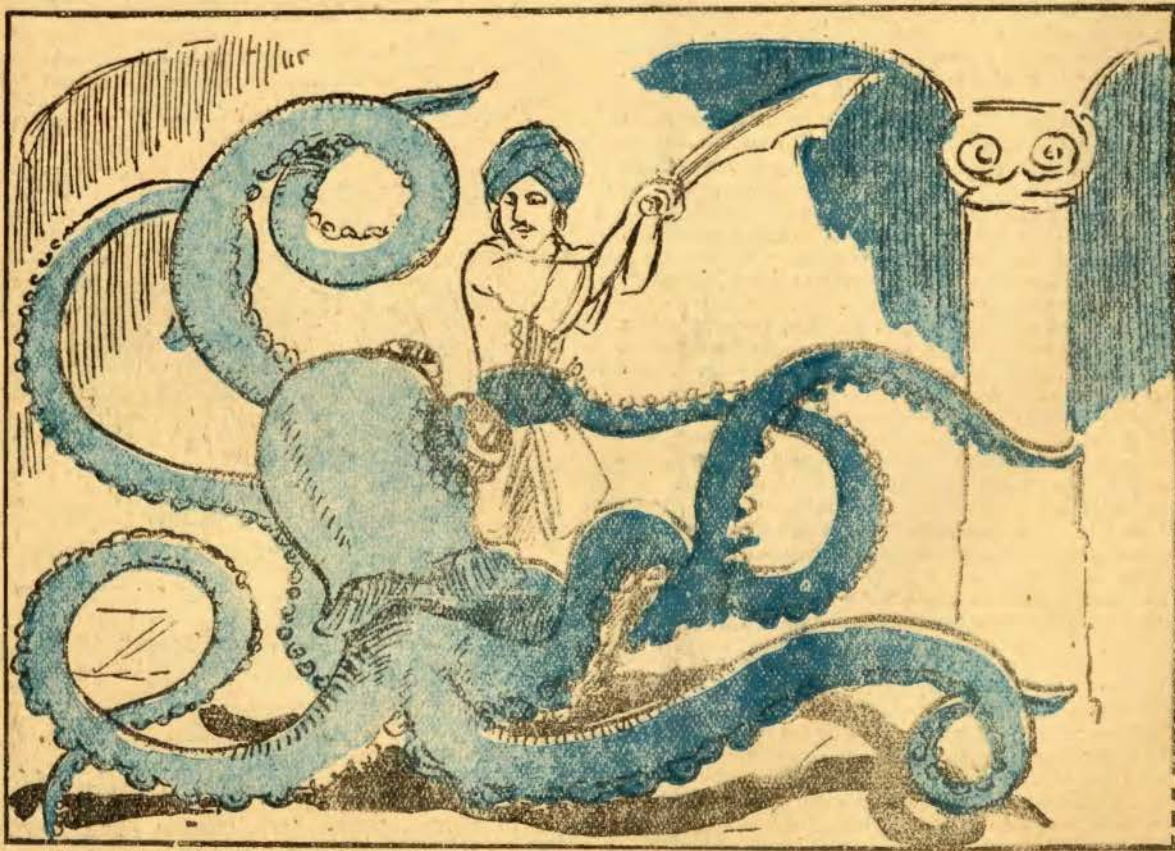
Os olhos pareciam duas esmeraldas e vestia-a uma túnica de pérolas.

Zachir ficou extasiado: mas notou com espanto que ela chorava e estava presa a uma coluna de prata.

— «O que fazes aí, formosa menina?» perguntou-lhe.

— «Estou presa, não vês? Espera-me uma horrível sorte, e és tu o causador da minha morte! No dia em que um ente estranho à minha raça entrou neste palácio eu seria devorada por um monstro temível. Tu vieste... ele não tarda aí!»

Realmente, mal acabava de falar, uma rostilhada enorme se ouviu e antes que o rei tivesse tempo de se esconder, um monstro, semelhante ao que matara, mas muito maior, apareceu estendendo para ele os mil tentáculos. Mas ainda desta vez, Zachir se não amedronou e, empunhando a espada, furo, cortou, bateu de tal maneira e com tanta



rapidez, que daí a momentos a nuca almorria, lançando u n feroz assombro que fez entrar mecer o chão e uma onda de u mo pestilento que tudo obscureceu.

Mas o rei, logo que o pôde ver, de endeu a menina, que, pegando-lhe na mão, o levou a uma sala de nuçar.

Num tróno de pórtiro, estava sentado u a homem de longas oaras verde mar, como as do belo prisioneiro.

Ao ver Zachir aproximar-se, desceu dois degraus e, pegando-lhe na mão, disse:

— «Descansa, homem destemido, e dize-me ao que vieste!»



O rei olhou-o em silêncio e, depois duma leve hesitação, perguntou:

— «Não será tu quem eu procuro, tu, tão fatulosamente poderoso e rico?»

— «Sim, sou eu o Rei dos Génios!» disse ele.

O rei quis-lhe beijar a fímor a do vestido como era uso na sua terra, mas o Rei dos Génios não lho permitiu e, abraçando-o, disse:

— «Sabia ao que vinhas, mas quiz experimentar a tua coragem e o teu coração. Como vejo que es digno de desposar a princesa Ione, minha afilhada, vou dar-te um meio de a curar!»

Logo a menina que o rei salvara, apareceu, trazendo uma taça cheia dum licór de c-nhecido e branco como leite. O Rei dos Génios apresentou-lha e disse:

— «Bebe... e taze o que o coração te ditar! A salvação de Ione depende dos teus lábios.»

Depois mandou-lhe dar ricos vestidos, por criados em que ainda nem reparara, em vez da armadura que a água enferrojara e um soberbo cavalo marinho que o levou num momento à praia donde, um mês antes, chegára.

Mal tocou com os pés em terra, caiu por terra adormecido, e só no dia seguinte acordou sob os raios dum brilhante Sol. Estava numa praia, e a seu lado um cavalo branco, o seu cavalo, que reinava de impaciência.

Ao longe via-se o palácio de Ione e se não visse no dedo o anel de esmeraldas que se esquecera de entrar ao Rei dos Génios, diria que nada se passara, que tudo lóra um sonho.

Sem demora montou no cavalo e ei-lo, com a alegria a brilhar-lhe nos olhos e no coração, dirigindo-se a galope pela orla do mar, em direcção ao palácio.

O dia terminava, estava já a poucos passos, e a lua subia, lntanamente e no céu cheio de estrelas, iluminando a terra com a sua luz de prata.

Zachir sentiu desejos de exprimir em canções a sua alegria, mas a impaciência impediu-o de ceder a estes desejos e foi apressado que transportou a porta principal e se dirigiu para os aposentos da princesa. Tudo estava deserto como por encanto, e como não visse ninguém entrar na varanda onde o guiava o pressentimento de que a tinha ali encontrar,

Meio deitada, sobre um cochim, Ione dormia.

Mais bela do que nunca, os cabelos de ouro envolveram-na como um manto resplandecente, em quanto a boca se sorria com enigmática expressão.

Nos bicos dos pés, o rei avançou, cautelosamente, e, com a mão a tremer, afastou da testa os lourados cabelos e viu, então, uma estranha pedra vermelha, presa num aro de ouro que lhe pendia sobre a testa e parecia d'itar chispas duma luz roxa como uma chama viva.

Mas Zachir reparou, com mais interesse, no belo rosto da linda adormecida, e, ao acaso, pousou os lábios na pedra e beija-a.

No mesmo instante Ione, levantou-se e a pedra maravilhosa, desprendendo-se do aro de ouro, caiu no chão, onde se desfez em fumo, devaneando-se.

Imediatamente as faces da princesa que eram tão pálidas sempre, se rosaram e quanto ela, cheia de ternura, se lançou nos braços de Zachir, rindo de alegria.

— «É a primeira vez que te vejo e parece-me que acordei dum sono!» murmurou, encostando a cabeça ao ombro de Zachir.

— «Enganas-te. Não é a primeira vez que nos encontramos mas só agora começa a pulsar o teu coração?»

— «É verdade!» exclamou Ione, levando a mão ao peito. «E sabes o que diz cada pancada?... Que há de ser o meu noivo!»

Então o príncipe beijou-lhe a mão e disse:

— «É de z a verdade, o teu coração, porque em breve serás minha mulher!»

E assim foi! Gos'aram sempre muito um dum outro e foram felicíssimos. A mãe do rei das Índias deu-lhe um palácio maravilhoso em que aparecia tudo o que se desejava sem ser preciso pedir e as estas do casamento foram lindas! Enfim, basta dizer que foram as fadas que as organizaram.

Quanto à fada Edgorda, a tal fada má que queria impedir Ione de ser feliz, foi obrigada pela sua rainha a ir viver o resto dos seus dias no deserto, e só comeu daí em diante, gafanhotos e mais gafanhotos.

Morreu... com uma indignação déles, mas diz-se que a sua morte não causou pena a ninguém!

Nunca faças mal á conta de te vir bem.



Soluções das adivinhas dos números anteriores

1 — Moita; 2 — Colmeias; 3 — Alandroal (alandro); 4 — Freixo de Espada-a-Cinta; 5 — Venda de tremoços.

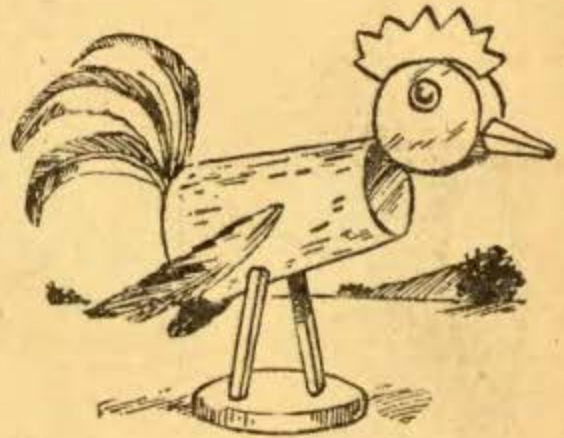
HORA DO RECREIO

UM GALO "BIBELOT"

Com duas rólhas de cortiça, 5 a 6 penas de galinha, 2 paulitos, cartão vermelho e amarelo e algumas tintas, todos podem fazer o galo que a gravura representa.

As rólhas constituem a cabeça, o corpo e a base; as penas as asas e o rabo; o cartão vermelho a crista, e o bico cartão amarelo.

Julgo que não necessitam mais indicações para fazer este animalzinho que, pintado com cores vistosas, envergonhará qualquer outro "bibelot" de maior preço.



DESENHO PARA COLORIR E ADIVINHA



Vejam se descobrem o caseiro e o cão que perseguem a cabra

O ACROBATA DA FEIRA

Construção para armar



Como de costume, em primeiro lugar, cola-se a figura em cartão; recorta-se cuidadosamente, dobra-se pelo ponteadado e, com o bico da tesoura, abrem-se os buracos nos pontos marcados.

Esses pontos são unidos, entre si, por meio de ataches ou pontos de linha, ficando um pouco mais folgados do que o costume.

Depois de dobrados os braços e abertos os buracos em cima indicados, enfia-se um cordel, de forma a dar-lhe o mesmo feitio que o esquema.

Puxando para os lados, depois de torcer com os dedos o cordel, o boneco é obrigado a dar tantas cambalhotas quantas o respeitavel público pedir.